Número 318 — Guimarães, 19 de Abril de 1931 — Ano 6.º (3.ª fase)

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor: ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Emprêsa de A VELHA GUARDA

Director: VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia Minerva Vimaranense: Rua 31 de Janeiro, 133—GUIMARÃES

Bordando uma atitude

O assunto forçado de tôdas as conversas é — para nós, portugueses de acentuadas convicções — a implantação da **República Espanhola.**

Não nos surpreendeu o famoso acontecimento. Porque somos dos que não vêm, em tudo isto, *precipitação dos factos.*

Não. O que sucedeu em Espanha era, há muito já, a conseqüência lógica do seu enervante estado de coisas. O êrro político — se existe como promotor da inovação social — já vem de longe. E' mesmo, do inteiro conhecimento dos leitores de «A Velha Guarda», que em tempos o focou com relativa clareza. Mas, adicionemos ao já conhecido feixe de notícias um pormenor que não deve ser esquecido: *é que a Espanha atingiu socialmente, a sua maioridade.* Isto é verosímil e a emancipação tem, como primeiro gesto, uma exigência: é a tentação aliciante de relegar a tutela que — muito embora docemente — a humilha perante o mundo civilizado. Os espanhois sacudiram êsse velho pesadelo — a monarquia, que dava as mãos às mais obscuras tiranias — e tomaram sôbre si a responsabilidade dêsse elevado esfôrço cívico. Nada os conteve na sua marcha vertiginosa. A República fôra preconcebida generosamente por alguns milhões de cérebros menos definhados. Era, como dissemos, a conseqüência lógica da vida anterior.

Já um jornalista espanhol — o filho do nunca esquecido escritor Blasco Ibañez e director dum orgão galego — declarava profèticamente a um camarada estrangeiro: «a República será uma realidade no ano de 1931. De cada convento faremos uma escola.

Foi uma entrevista realizada no passado ano. E todos os políticos espanhois asseveravam a absoluta proximidade da segunda República. O facto consumou-se com o afervoramento de certas injustiças. Ninguem suponha que o sangue de Galan se verteu em vão! Os mártires são, e foram sempre, a melhor arma dum ideal; porque continuam batalhando em espírito após a morte. Realizaram-se as eleições em Espanha. Venceram, com enorme retumbância, as esquerdas. Era chegado o momento de Afonso XIII desembestar as últimas setas. Era chegada a hora de o soberano lutar sangrentamente contra os adversários vitoriosos. Não o fez. Não o quiz fazer.

Afonso XIII — *sciente da arraigada impopularidade que criara* — seguiu o caminho mais viável: ***retirou-se em benefício da Lei.*** Este gesto é simplesmente tocante. E' um grande exemplo, digno de larga imitação. Quantos — seguindo-o! — poderiam evitar rios de sangue! Afonso XIII foi simpático nesta atitude. Ensinou a todos, que como êle erraram, o único caminho da honra. Há, na história, poucos gestos *de tão alto valor cívico.*

Viva a República!

H. Belém.

ILDA STICHINI

Ilda Stichini não é hoje apenas a primeira ingénua do teatro português; é, dentro do teatro declamado, uma das nossas maiores actrizes, e sem dúvida a mais complexa e interessante da geração moderna. Nos três espectáculos que a sua Companhia deu há poucos dias no nosso D. Afonso Henriques, teve o público de Guimarães ocasião de admirar e aplaudir a sua arte matizada e fina. Domingo passado, constou-nos, quando assistíamos à representação da engraçada comédia dos irmãos Quintero, o *Tambor e o Guiso*, que se pensava em organizar-lhe uma récita de homenagem, e logo pensamos em transmitir aos leitores da "Velha Guarda„ as impressões da excelsa artista sôbre o público e a cidade de Guimarães. Procurámo-la no intervalo do 2.º para o 3.º acto. Ilda não esperou que a interrogássemos. Como tôdas as pessoas de sensibilidade e bom gôsto começou por se declarar encantada com a velha cidade de D. Afonso Henriques.

— As minhas impressões sôbre Guimarães? O que posso eu dizer-lhe senão que adoro esta lindíssima cidade ao ponto de não poder resignar-me à ideia de representar em Braga e em Felgueiras, aqui tão perto, e passar cheia de saüdades por uma das terras de que mais gosto e onde mais carinhosamente me teem recebido.

E Ilda Stichini fala-nos do Castelo, dos velhos palácios brazonados, da paisagem idílica dos nossos arredores com entusiasmo e carinho.

— E do nosso público o que pensa?

— O melhor possível. E' dos públicos mais amigos de teatro e mais inteligentes que eu conheço. Custa-me até a compreender como se resignam a passar sem o teatro que êste público e esta cidade merecem... De resto, o D. Afonso Henriques não é tão mau como os senhores dizem. A disposição da sala e as condições acústicas são magníficas. Podia ficar um teatro tão lindo se os vimaranenses quisessem!

Ilda Stichini sorri. Está gentilíssima. Os seus olhos em amêndoa, negros, brilhantes, alongam-se mais, e diz-nos:

— Estou tão contente com a récita de homenagem que vão oferecer-me! Dá-me a certeza de que o meu amor por Guimarães é um amor correspondido, e êsse facto deixa-me encantada.

— Quer dizer-nos o programa da noite da sua festa?

— Da melhor vontade. Além do *Sonho da Madrugada*, a deliciosa peça de Vasco Mendonça Alves, eu e os meus camaradas faremos um acto de variedades...

— Composto de?

— Canto e recitações...

(Conclusão na 2.ª página)

Será verdade?

No último número dêste jornal, aconselhamos o sr. Tesoureiro de Finanças, dêste concelho, a informar o público do seguinte:

1.º Qual a importância que recebe do Estado para pagar ao pessoal auxiliar da sua Repartição;

2.º Qual a importância com que paga ao mesmo pessoal.

*

Não obstante lembrarmos a sua ex.ª esta solução para o prestígio da sua dignidade, não nos consta que a tivesse tomado, motivo porque consideramos confirmada a primeira acusação que pesa sôbre o sr. Tesoureiro. E' claro que difícil seria destruir a verdade dos factos, mesmo com a ***invenção*** de ***desfalques premeditados,*** e, por isso, o silêncio, que em certos casos é uma atenuante importante, não altera o têma da questão, embora seja a sua confirmação pura e simples. Todavia, uma vez que êste caso está a interessar os amigos da honestidade e da moralidade, aqueles aos quais procuramos dar uma satisfação, é nosso dever esclarecê-los, desde já, de que o sr. Tesoureiro de Finanças, recebendo do Estado ***três mil tresentos e tantos escudos*** para pagamento do seu vencimento e do do pessoal auxiliar, apenas paga a êste pessoal — 3 funcionários — ***quinhentos o tal escudos!***

Por aqui se vê até onde chega a ganancia do sr. Tesoureiro, e a miséria dos seus sentimentos! Isto em bom português, não é prejudicar, é *burlar!* Não será verdade que assim é, sr. Tesoureiro? Se fôr mentira venha declará-lo, com provas concretas, ou recorra ao Tribunal, aonde, com grande prazer, iremos dizer da nossa justiça. Nós sabemos quem será capaz de se prestar à ignóbil baixeza de caracter de o defender, quer dentro, quer fora da Repartição, mas essas criaturas — as que se prestarem a promover a defeza *consciente* de um criminoso — terão um lugar reservado no nosso jornal. A luz ha de fazer-se, e a Justiça ha de triunfar, mesmo através de tôda a traição, de de tôda a hipocrisia e de tôda a escandalosa protecção de que ha de cercar-se o sr. Pereira da Silva, altamente comprometido na sua vida profissional.

A Justiça triunfará, dizemos nós, porque se o contrário suceder o escândalo será maior, muito maior!

Escolas Técnicas

Por uma determinação superior, a freqüência das Escolas Técnicas vai ser muito limitada no próximo ano lectivo, em virtude de terem sido muito reduzidos os quadros de professores efectivos, e ainda por o orçamento do Estado não comportar, também no próximo ano, qualquer verba destinada a professores provisórios. São milhares de criaturas que vão ficar sem colher os benefícios de tão útil ensino.

Assuntos de Instrução

Analfabetismo

Ouvimos, ainda não há muito, na sessão solene da inauguração da Escola «Francisco dos Santos Guimarães», de Urgezes, encomiar todos aqueles que à patriótica cruzada do ataque contra o «cancro» do analfabetismo se votam e profligar o abandono a que a Escola Pública tenha sido deitada, seja de hoje seja de ontem.

Difundir a instrução é atacar o iletrismo, colorindo a mancha negra da ignorância que alastra ainda por sôbre o território português; é ainda uma medida económica e social.

Tem sido o facto encarado por sucessivos govêrnos, incluíndo os da Ditadura, que, quer facilitando o exercício do ensino particular quer concedendo aos professores primários oficiais a faculdade de exercerem o ensino em serviço desdobrado, evidenciavam o propósito de ir debelando progressivamente êste grande mal nacional com o pessoal, edifícios e mobiliário de que presentemente a nação dispõe.

Que a providência do serviço desdobrado era transitória e sòmente determinada pela necessidade de obtemperar a um *statu-quo* prejudicialíssimo, mostram-no claramente as primeiras considerações do preâmbulo ao Decreto N.º 18.380 de Maio de 1930:

— Adoptaram-se pelo presente decreto providências imediatas — enquanto não chega a oportunidade de outras, de mais profundo alcance — no sentido de se satisfazer uma das mais instantes necessidades do ensino primário elementar: a falta de pessoal habilitado para o desempenho das funções docentes em muitas localidades do País, que justificadamente por ela fazem ouvir os seus clamores.

O Decreto em referência instituiu os desdobramentos em tôdas as escolas cuja freqüência constituísse turmas nos termos do artigo 7.º do Decreto N.º 13.791 de Junho de 1927.

A população escolar matriculou-se no mês de Outubro, e nas localidades em que havia escola na quási totalidade, na certeza — por parte dos encarregados da sua educação, é claro — de que não lhe faltava escola nem professor.

Em 22-10-930, pelo Decreto n.º 18.952 foi regulamentado o serviço desdobrado, estipulando-se no seu art. 7.º que aos professores que o regessem seria abonada a gratificação mensal de 400$00, isenta de qualquer desconto — gratificação mandada também abonar pelo artigo 6.º do Decreto N.º 18.380.

Os desdobramentos foram sendo solicitados e autorizados durante Outubro de 1930 e em 1 de Novembro muitos professores entraram em regime de serviço desdobrado.

Os mêses foram decorrendo e as disposições dos dois decretos referidos foram cabalmente cumpridas por parte dos professores primários.

Pelo menos não consta que tenham surgido reclamações nem tam pouco que as autoridades escolares denunciassem abusos ou negligência.

Ao encerrar-se, porém o período de férias da Páscoa o professorado é notificado de que a disposição do artigo 7.º do Decreto N.º 18.952 (abonos de gratificações) não pode ser integralmente cumprido no presente ano económico, só podendo funcionar os desdobramentos, se os respectivos agentes do ensino «desejarem regê-los gratuìtamente».

E' o que depreendemos de uma circular da Inspecção da Região Escolar de Braga aos srs. professores, datada de 7 do corrente e assinada pelo seu distinto Inspector-Chefe, que nos foi presente e que é do teor seguinte:

«Não podendo no corrente ano económico ser autorizados abonos de gratificações por desdobramentos, a partir da próxima reabertura das aulas, determina S. Ex.ª o Ministro que esta Inspecção pode autorizar a prosseguirem em serviço simples, até final do ano lectivo, os srs professores que se não prestem a manter o serviço desdobrado.

Determina, ainda, S. Ex.ª o Ministro que V. Ex.ª seja notificado de que no próximo ano lectivo será fixado em cada Região o número de desdobramentos, devendo ser preferidos para as respectivas autorizações os professores que no corrente ano lectivo se mantiverem no desempenho do serviço desdobrado.

Os srs. professores, pois, que desejarem reger gratuìtamente os desdobramentos, até ao fim do ano lectivo devem fazer a respectiva comunicação, para lhes ser registada a preferência para o próximo ano, devendo fazer igual comunicação os que não desejem continuar.»

Não comentamos... apenas acrescentando que ou as razões expostas e invocadas nos Decretos que estabeleceram o serviço desdobrado já não existem, ou contam com que o serviço seja desempenhado gratuìtamente.

*

O professorado de Guimarães já recebeu a gratificação relativa ao mês de Novembro de 1930.

A dos outros mêses...

Mulheres de virtude

Há-as, por aí adiante, sob variadíssimos aspectos. Nós queremo-nos referir, hoje, a umas certas mistificadoras que, muito em segrêdo, se armam em parteiras.

A sua incompetência não se fêz esperar jàmais. *São o que são,* como tôda a gente sabe.

Aqueles que por ignorância as chamam — julgando as diplomadas — têm logo um profundo dissabor.

Reparam afinal que estão na presença — quando muito! — de criadas de quarto.

Ora, isto é francamente intolerável. A higiene pública exige, das autoridades, um meticuloso cuidado neste melindroso caso. Nós bradamos daqui no interêsse de todos.

Charlatães!...

Dirige-se-nos alguém a protestar contra certos e conhecidos indivíduos que exercem a clínica clandestinamente. Ora, os tais aventureiros não possuem sequer o exame de instrução primária.

Mas atiram-se a dizer *bojardas* sôbre os males do padecente que tem a pasmaceira de se lhes dirigir. E atiram-lhe — ainda por cima — com as suas tisanas.

E' um caso para entreter as autoridades.

Os meus instantâneos

I

A Espanha através dum óculo

A vitoria dos republicanos espanhois foi estrondosa. As urnas falaram sem poeiras.

Mais eloquentes que os balásios dos canhões!

Até na circunscrição do palácio real. Em todas as parte. Em todas. — Pois digo com o coronel Maciá: sua magestade o que tinha a fazer era retirar-se *pacificamente.* Não exitou em faze-lo. Já acima de tudo era espanhol — como o afirmou — e deu agora provas do seu patriotismo.

*

Dizia «O Século» de 13 do corrente, referindo-se às eleições de Madrid:

O automóvel do bispo parou em frente de uma secção de voto. A multidão rodeou-o, ameaçadora, dando gritos hostis e injuriosos, e danificando o carro.

Por lá também os há frêscos! Os rebanhos de *sua eminência* (ou coisa que o pareça!) andavam muito extraviados. O que não veio foi o milagre! Na verdade, a coisa explica-se: Jesus Cristo andava a pé e descalço. E êstes madraços não dão um giro se não de carro. Depois, há neles muito pouca fé. Imaginem que o bispo — desconfiado dos efeitos da providencia divina — até foi vigiar as eleições! Lá tinha as suas razões. Sobretudo para indagar quem eram os fradinhos que andavam a deitar listas abertas em favor da República. Mas o castigo do altíssimo não se fez demorar.

Quasi lhe enchiam o papo.

*

Transcrevemos o telegrama:

Burgos, 12 — Ao sairem de suas casas, esta manhã, os habitantes viram a estátua do rei Carlos III adornada com um barrête frígio.

E' singular!

Até Carlos III virou a casaca! Tudo me leva a crêr que a Espanha está absolutamente transformada.

Este môno deu com água pelas barbas ao Afonso XIII. Ensinou-lhe o caminho do dever.

Faz rir. Mas a república vingou.

*

Ha tempos, a *Briosa* de Madrid queimou o retrato de Afonso XIII.

Pobre rei!

Estava sofrendo horríveis tratos. Outrora, os seus antepassados atearam o fogo da *inquisição*... para assar padecentes *em nome de nosso senhor Jesus Cristo.*

Agora, deu-se o inverso: os descendentes das vítimas queimaram em efígie, o soberano.

Como as coisas mudam! Afonso XIII está pagando os desvarios de Filipe II... os de Primo de Rivera... e os dêle etc. etc.

Que o diga Nemo!

*

Madrid, 12 — *«El Debate» confirma a organização do «fascio», em Madrid, cuja ideia parece ter nascido por ocasião do comício monárquico da capital, em Abril do ano findo.*

Também cá temos disso. Mas, não sabemos ao certo quando foi a ocasião da ideia. Porém, é uma semente que não pega. Nem cá, nem lá, nem em parte alguma.

E' chôcha!

Os hitlerianos — atacados pelo bom senso do *catolicismo alemão* — andam às turras, o que é já uma prova dos destrambelhamento do *«fascio»*. Cá, a gente chama-lhe ***intrigalhismo.*** E gostamos muito de o apanhar de cócoras ao menor ruído. O *«joãosinho asneal»* «inté» bota artigos p'ró Notícias do Porto. Mas sofre tantas decepções *a-mai-lo* conde de aurora! São dois meninos do côro, duas joias de adôrno para o Conde Ferreira.

Lá na Espanha há os como por aqui. Já sabemos que o «fascio» tinha de nascer dum comício monárquico. Mas a proclamação da República arrumou-o para um canto. E não cola — ! A semente é chocha, é ôca, é...

*

Eu saúdo a Espanha Nova!

Seja ela benvinda!

A Verdade prevalece.

A República espanhola foi proclamada serenamente.

Generoso sangue, o de Galan e Hernandez!

Ricardo de S. Gil.

Homenagem de gratidão

Revestiram grande imponência as homenagens aos srs. Manoel de Jesus Pimenta e Pedro Gonçalves Sanches, 1.º Reitor do Seminário Liceu, desta cidade, e professor do mesmo estabelecimento de ensino, levadas a efeito na quinta-feira última.

No templo da Colegiada foi celebrada uma missa pelo antigo aluno Snr. Bispo auxiliar da Guarda, a qual foi numerosamente concorrida.

Seguidamente os antigos alunos, academia etc. foram em romagem ao cemitério, inaugurando o mausoléu que encerra o corpo do Dr. Pedro Sanches.

Usaram da palavra após a benção a que procedeu o Prelado, os Snrs. Eugénio Vaz Vieira, Manoel Freitas Guimarães e Dr. David de Oliveira.

A romagem estendeu-se depois aos túmulos dos professores falecidos: Cónego Aarão e Comandante Silva Ribeiro, no mesmo Cemitério, Cónego José Maria Gomes, no Cemitério de Urgezes e Cónego António Ribeiro no de Azurem, tendo sido desfolhadas muitas flores sôbre êsses túmulos, em preito de gratidão.

A' tarde, após a visita de antigos alunos às dependências do antigo Seminário e do Liceu, teve logar num amplo salão daquêle edifício a brilhante sessão solene onde proferiram discursos os Sr. P.e Gaspar Nunes, Reitor do Liceu, Representante da Câmara, Cónego Vasconcelos, Presidente da Academia e Bispo de Lamego.

Por entre carinhosos aplausos foi descerrado o retrato do 1.º Reitor Dr. Manoel Pimenta.

Este número foi visado pela comissão de censura

Pelo Teatro

«Ilda Stichini»

A Companhia, de comédia e drama, «Ilda Stichini» — de que faz parte o actor Alexandre Azevedo — fêz em Guimarães uma pequena temporada. Foram três récitas de maravilhoso encanto de onde sobressaía, a todo o momento, o talento da encantadora Ilda.

Sonho da madrugada, comédia do dramaturgo dr. Vasco de Mendonça Alves, teve um soberbo desempenho. Era um enrêdo muito engenhosamente posto em scena.

O Tambór e o Guiso, original dos Irmãos Quinteros e versão de Vitoriano Braga, é uma comédia de alto valor. Há ali um pouco de crítica mordaz e irónica à sociedade de alta roda. Tem vários trechos de verdade assás eloqüente.

O Sapo e a Doninha, é um trabalho de alto relêvo que se deve à pena brilhante do ilustre dramaturgo Doutor Ramada Curto. Ser-nos-ia preciso tomar um longo espaço a êste jornal para dizer, resumidamente, um bocado do que aquilo foi. O drama do sr. Ramada Curto exala muita saüdade e tem conjunturas de tristes nostálgias. Desenrola-se numa aldeia de Portugal e não lhe falta sequer o sotaque da nossa gente aldeã.

Teve um brilhante desempenho.

Estas três récitas efectuaram-se no teatro Afonso Henriques que, para o caso, reabriu excepcionalmente. Alguns jornais insurgiram-se contra a sua reabertura. Nós, porém, interpretando melhor o sentir do povo de Guimarães, tomamos como inoportuna a aludida campanha. Porque a verdade é que não possuímos casa alguma de espectáculos relativamente condigna para receber companhias teatrais como a de Ilda Stichini.

Mas — do mal o menos! — façamos, entretanto, uso da melhor que possuímos. Se assim não fôr, onde receberemos os artistas de teatro?

Sim, onde há-de ser?

Eis porque achamos inoportuna esta campanha — sem deixarmos, contudo, de lhe outorgar as mais generosas intenções. De facto, também estamos ao lado dos vimaranenses que pugnam por um teatro novo.

Incondicionalmente ao lado dêles!

Guimarães tem jús a muito mais. Todavia, e para não irmos muito longe nêste particular, a terra é sáfara. E aqui falham — por qualquer anátema cruel! — tôdas as grandes iniciativas.

Aqui, doloroso é confessá-lo, só existe bairrismo em meia dúzia de indivíduos, dos quais o velho comodismo se ri.

O resto nada vale. E' um conjunto de autómatos sem faculdades para pensar nem olhos para vêr.

Porisso, aproveitemos transitòriamente o teatro Afonso Henriques. Tentemos até dar-lhe qualquer geito adaptável ao modernismo: *portas de salvação, etc.*

Porque não empreende a obra o nosso Município, uma vez que possui a casa Mário Leite?! O quintal desta daria boas saídas àquele. Sôbre tudo isto havia muito a dizer. Mas como o tempo nos não sobra, fica a incumbência para qualquer outra ocasião.

Para já, assentamos nisto: não somos apologistas da campanha. Porque nada lucramos, que a terra é sáfara. Em suma, só perdemos.

Aproveitemos... melhorando o que existe. Isto não dá mais...

Xyz.

ILDA STICHINI (Conclusão)

— Ilda também recita, não é assim?

— Com certeza. Quero corresponder à gentileza dos promotores da festa e do público com aquilo a que mais quero e ponho acima de tudo: — a minha arte.

O contra-regra veiu preguntar se o pano podia subir. Ilda Stichini estendeu-nos a mão, e daí a momentos entrava em scena com a mesma graça e naturalidade que durante a nossa pequena conversa me tinham encantado.

Público de Guimarães: é preciso corresponder ao entusiasmo de Ilda Stichini pela nossa cidade, pela nossa paisagem, e pela nossa gente, não deixando um único lugar vago no teatro, na noite de 24, e aplaudindo calorosamente a sua arte admirável. — *A.*

Um diploma sem valor?

Eu sou um nadinha de analista.

Há um sem número de pequenas coisas que me fere a observação. E — por um capricho da minha organização nervosa — revolto-me contra o que, no meu parco entendimento, reputo injustiça clamorosa. Comigo, creio eu, pensa tôda a gente de bom senso.

Mas, deixemo-nos de considerações vagas. Abandonando êste despretencioso «introito» vou expôr o que penso sôbre um já muito agitado caso: *o das extintas Escolas Primárias Superiores.* Refiro-me, especialmente, ao valor actual do seu diploma.

Poucos, dos que lêm jornais, estão ao facto do ocorrido. E' uma realidade tristíssima que lamentosamente constatamos. Evidentemente, o valor actual do referido diploma é quási nulo.

Estas Escolas foram criadas para o povo pela Democracia.

Como era de prever, o Legislador preconizou-lhe um estendal de regalias ao organizar os seus programas. Fez mais: *determinou com precisão um certo número delas.* Assim, todos os estudantes dessas «Academias Populares» sabiam, pelo menos, que o seu curso tinha o valor legal da 5.ª classe dos Liceus. Dizia-se até que as Escolas Primárias Superiores tinham, sobretudo, um objectivo: *criar os cidadãos de àmanhã,* cidadãos com acesso franco à burocracia; formar, na sua faina educativa, a consciência democrática do povo; enraïzar, em suma, os princípios do Regime na alma de Portugal.

Era uma aurora muito auspiciosa. De todos os lados choviam as adesões a tão monumental ideia.

Porisso talvez, que do seio da reacção se desencadeou contra ela uma guerra feroz, guerra de extermínio, guerra sem argumentos nem moral que espalhou a confusão nos ânimos. Eu tinha, então, catorze anos e freqüentava o primeiro ano da Escola de Guimarães. Não percebia nada de ideologias. Mas, como se fôsse hoje, ainda me lembro de ter visto — em qualquer infamante revista ou jornaleco, não me ocorre qual fôsse — uma alusão grosseira à obra generosa da Democracia: uns engraçados simbolizavam estas Escolas num edifício vulgar *por onde entravam ingénuos e saíam malvados.* Os reaccionários fingiam dar ao facto esta odiosa interpretação. Faziam-no impunemente, porque os caluniados Políticos nunca se lembraram de castigá-los severamente. Todavia, o que deveras é de lamentar, é que fôssem arrastados, por essa corrente de desprestígio, alguns Republicanos de «verdad» — como soe dizer-se.

Este é o ponto mais doloroso do conflito. Que os inimigos da República atacassem as suas Escolas, vá!

...Mas os Republicanos... não — ! — era uma crueldade. A reacção nunca é *despropositada* nos seus pontos de vista. De facto, as Escolas Primárias Superiores eram as **única e exclusivamente** criadas pela República.

Não tinham raízes de outras eras. Levantavam-se como uma ameaça ao poder violador das seitas negras. Urgia debelar o perigo. Entretanto, os rapazes lá foram cursando as tais Escolas. De momento a momento, corria o boato da sua extinção. Era uma coisa tão banal que já a ninguém dava cuidados. A rapaziada continuava sempre e — tenhamos a franqueza de dizê-lo, para que todos o saibam — não era muito fácil alcançar o diploma das Escolas Primárias Superiores. A verdade é que os seus programas eram demasiados extensos para três anos. Tinham, de certo modo, resultados contra-producentes.

Era o defeito. Necessitavam duma boa reorganização. As coisas continuaram nêste pé por muito tempo.

.....

Rodaram os anos. As Escolas foram extintas, há muito já. Restam, apenas, umas dúzias de diplomados por êsse País fora.

Ora, êsses diplomados — creio eu — têm o direito incontestável de usar da sua habilitação literária. A Lei deu-lhes êsse mesmo direito quando eram simples estudantes. Negar-lho hoje é, já não digo cobardia, mas uma falta de humanidade. Que culpa tem os rapazes que a reacção odiasse essa Instrução?

Não falo por mim, que dispenso o diploma. Mas doi-me pelos meus antigos camaradas. Ainda há cêrca de dois anos concorreu a Escrivão de Direito um antigo condiscípulo meu. A habilitação literária que apresentou foi o referido diploma. Pois foi-lhe indeferido o requerimento por insuficiencia de habilitações literárias.

O meu amigo reincidiu e — citando o «Diário do Govêrno» que às mesmas se referia — foi admitido. Nota-se pois, pelo exposto, a omissão daquelas Escolas junto do enumerado de outras habilitações equivalentes. O facto surpreende-me até certo ponto. Porque ninguem se lembrou ainda de ir, em comissão, expor ao Govêrno os muitos considerandos que a omissão pode e deve sugerir.

Vejo, por exemplo, que os seminários, sem nada terem com o Estado, constituem habilitação legal para determinadas ocupações. Fazem parte do *enumerado* que venho de citar. E' para mim ilógico, desumano, injusto, *inestético* mesmo, que sejam esquecidas as Escolas Primárias Superiores, criação feliz da República Portuguesa. Não pode ser negada uma coisa que está dada. Mesmo, não é costume promulgar-se leis retro-activas. E o Govêrno da Ditadura não as promulgou ainda para classificar estas Escolas. Urge, portanto, que os interessados vão falar com o Govêrno.

E' necessário desfazer o equivico que pode ter as piores conseqüências. Eu estou certo de que o Govêrno há-de atender.

Porque se entre os referidos diplomados há insuficientes — o que sucede com todos os diplomados — há também uma esmagadora maioria cuja cultura não esmorece perante equivalentes.

David Braga.

Misérias sociais

Lobrigamos casualmente uma tristíssima amostra desta lepra. Há dias, chegou-se a nós um rapazinho de 7 anos, no Café Oriental. Era da freguesia de Corvite. Pedia esmola.

Dizia-se filho de um cavalheiro que se acha empregado num Estabelecimento Bancário. Indicava, mesmo, qual o Banco a que se queria referir. Causava dó.

Nós temos pelas crianças um especial carinho. O petiz fez-nos muita pena. Lembramos daqui ao pai da criança que seria razoável procurar-lhe um destino qualquer: interná-lo, por exemplo, na Oficina de S. José.

Recebia, pelo menos, a instrução a que tem direito.

Aí fica a lembrança.

Pessoa de bem?

No julgamento do capitão Machado apareceu uma testemunha — filho do proprietário do Hotel Vilas — que afirmou que o Alexandre da Costa e Silva *era uma pessoa de bem.*

Sem querermos entrar em questões pessoais, diremos não concordar com a asserção. Ele foi — como tôda a gente sabe — o envenenador de tôda a paz dos que ora se acham em querela.

... Tudo, menos isso.

O Castelo de Guimarães

Em posição altaneira e cingido de muralhas com as suas ameias, existe ainda nimbado de glórias e radioso de ventura o magestoso Castelo de Guimarães, sobranceiro à cidade que viu nascer e que por largo tempo defendeu. Este padrão de eterna glória, deve sêr sagrado para nós e crèdor do respeito e veneração dos povos. Triste é dizê-lo, o castelo jaz abandonado, num doloroso abandono, tanto mais para sentir, tendo êle sido levantado para defesa da cidade, que hoje o deixa aluír-se, sem cuidar de o restaurar. Com profunda mágoa, contemplei aquelas ruínas, tisnadas pelo sol de dez séculos; comparei a grandeza passada com a decadência moderna! O meu coração de português compungiu-se, e derramei uma lágrima sôbre aquêle esquelêto de pedra. E, não obstante o desprezo dos homens, o castelo conserva-se de pé e as suas ruínas grandiosas ainda atestam claramente o que foi a época rude, mas heroica, em que o construíram. O conjunto desta fortaleza, simples e sombria, inspira respeito e dó. Respeito, quando nos lembramos da sua veneranda antiguidade; dó, porque aquele que foi grande e tão nobremente soube conservar o nome português, não merecia o abandono em que jáz. Mas naquela mudez resignada há um protesto contra a incúria dos povos, e as muralhas parecem dizer:

Outrora, quando eu era forte, ó filhos de Guimarães, vossos pais acolhiam-se tranqüilos à sombra dêstes muros. Agora que para nada sirvo, que já não temeis os alfanges agarenos nem as lanças castelhanas, tendes-me no desprêso! E, apesar do vosso indiferentismo, existo ainda! os séculos que teem derrubado outros castelos mais fortes, conservam-me como um protesto das raças heroicas que abriguei, e para vossa vergonha, porque os estrangeiros terão sempre uma censura para quem assim descura da minha conservação. Restaurai-me pois, e as gerações futuras abençoar-vos-hão por lhes terdes legado êste padrão, que assistiu desde o berço à vida de Portugal.

O ilustre português e insigne historiador A. Herculano muito bem disse — um monumento não pertence só à cidade que o possue mas sim à história, à nação tôda, aos govêrnos que o devem vigiar —. Dentro daquêles muros, solitários agora, nasceu o primeiro rei dos portuguêses: D. Afonso Henriques, o vulto mais proenimente dessas épocas gloriosas em que os nossos antepassados conquistaram o solo querido da Pátria — com a espada na mão, banhando-se com o seu generoso sangue. Há ainda um nome vinculado ao da velha fortaleza; é o de Egas Moniz, personagem simpática, de lealdade cavalheiresca.

Este nome bastaria para imortalizar o castelo, se não lhe sobejassem as recordações históricas.

Veneremos pois essas testemunhas de pedra da nossa passada grandeza, daquela época em que o nome português ressoava altisono pelas plagas africanas, nas florestas da América, e nas regiões ricas da India. Hoje riem-se de nós, porque não temos fôrças, mas respeitar-nos-hiam, se soubessemos conservar puras as tradições dos nossos maiores.

Tendo censurado a minha terra pelo pouco amôr com que trata o castelo, não poderei agora deixar de a elogiar pelo descongestionamento dos velhos e vergonhosos casebres que a rodeavam; e o castelo ficou mais belo, mais garrido e mais moço! Parece outro! Como português — lamento o estado de ruína desta sentinela perdida dos séculos passados e, acompanhando o Município na sua obra *de progresso e regeneração,* seja-me permitido levantar aqui um brado a favor do castelo de Guimarães, e oxalá também encontre éco entre aqueles a quem compete vigiar pela conservação dos monumentos nacionais.

A. F.

Campaínhas em Tomar

Dizia o «Século», em correspondência de Tomar, com data de 1 de Abril, que os padres missionários abanavam enormes campaínhas à porta das igrejas para chamar os fiéis a ouvir palestras que mais pareciam comícios. Que admiração!...

Foi uma bela lembrança para dar nas vistas e despertar os transeuntes. Já assim se fazia nas barracas ambulantes que pairam, às vezes, pelas feiras e romarias. Então, é costume aparecer às portas uns garotos pierrots a desembuchar gaitadas de certos instrumentos e a bater pratos. Até fazem cabriolas.

Não admira, pois, que os missionários de Tomar se agarrem às campaínhas para arranjar freguesia. Vê-se que andam na moda.

SONHANDO

Até que enfim!

Guimarães, a minha Terra querida, entrou de novo no caminho do Progresso.

Dissiparam-se as trevas e um foco de luz veio iluminar o meu torrão natal, já quási moribundo. A minha Terra adorada, êste recanto do lindo Portugal, despertou e reviveu. Ela voltou a ter o seu antigo Regimento, o seu Liceu Central, a sua Escola Industrial e Comercial, completa, etc. etc. E a acrescentar a esta reposição, a minha Terra já tem um novo Teatro, recentemente inaugurado; o Largo de S. Francisco, devidamente ajardinado; as ruas principais da cidade, que estavam vergonhosamente tratadas, estão limpas e bem cuidadas; os boeiros, êsses focos ou imundícies, que envenenavam o ar, já não exalam aquele cheiro nauseabundo que incomodava e irritava.

Finalmente, tudo transformado! Ah! Como me sinto satisfeito com o reviver tão desejado da minha Guimarães, da minha dama querida. E o Jerónimo Sampaio, êsse espírito alegre e progressivo, o que dirá a tudo isto? O que dirá êle confrontando as arrelias do passado com as benesses do presente?!

Esta transformação deve também transformá-lo a si próprio, podendo, desde já, prever-se duas hipóteses: ou volta a ter cabelo ou vai ser um adepto da vida política Constitucional.

Sim, tudo é possível nas passagens desta vida...

*

Confessso que o meu sonho foi verdadeiro, e confesso igualmente, que foi grande a minha desilusão quando cheguei à conclusão de não o ver realizado.

(Grigri).

Falta de espaço

E', a bem dizer, o nosso maior flagelo. Lutamos inglóriamente para trazer em dia a nossa papelada. E' dificílimo consegui-lo. Para já, comunicamos aos queridos leitores que fica muitíssimo expediente sem o devido registo. Irêmos debelando êste mal a dentro das nossas possibilidades.

Que os nossos leitores nos perdoem...

Politica sem politicos?!

Conceber uma ideia de poder existir uma política sem políticos, parece, à primeira vista, uma utopia. Todavia, está demonstrado, por actos e factos, que o não é, pelo menos sob o ponto de vista aparente. Em Portugal, onde falham as convicções e os princípios fundamentais da boa lógica, há uma corrente de opinião constituida por individuos que se dizem anti-políticos, quando são êsses, exactamente êsses, que mais política pretendem fazer. Isto demonstra que tal política, que de facto existe, é feita por individuos não políticos, ou antes, não *rotulados* como tais. E' esta a política de *sapa*, a política de traição, a política de hipocrisia. E' esta a chamada política sem políticos, a politica de guerra aos republicanos, a politica que pretende escorraçar das Repartições do Estado republicano os funcionários republicanos. O ódio contra os republicanos é tão grande, e está espalhado de tal maneira, que só com muita prudência e com muita calma se pode ter evitado a devida desforra. Mas os republicanos sabem esperar, sabem ser homens de bem, sabem ser bons portugueses! Continuem, pois, os reaccionários de profissão a mandar-nos para a cadeia e para a miséria, que nós a tudo saberemos resistir com a calma e a confiança precisas. E «Nemo» — êsse tirano da civilização actual, o maior fóco venenoso que existe presentemente, que vá registando a *desumanidade* que diariamente *aconselha* para os republicanos, mas sem se esquecer do adágio: «Quem com ferros mata com ferros morre».

(Levandisca).

«O Povo de Guimarães»

Reapareceu — após 28 anos de silêncio — êste velho Lutador Republicano. Folgamos que a iniciativa de alguns Republicanos desta terra lhe insuflasse nova vida. Vem muito bem colaborado e impresso. Traz uma figura simbólica a vermelho, uma evocativa figura simbólica!

«A Velha Guarda» agradece as amáveis referências que lhe faz em saüdação e — oferecendo-lhe a sua franca e leal camaradagem — faz votos sinceros pela sua longa vida.

Teatro Gil Vicente

A última semana pertenceu à S. U. S. Programa admirável.

«*A casa da ignomínia*» — drama de misteriosas aventuras — era um trecho da vida nas grandes cidades.

E «*O templo dos gigantes*» — produção atraente e grandiosa — era um hino aos famosos empreendimentos. Muito bem.

Chapéus para senhora e criança

A fim de fazer as suas compras para a próxima estação de verão, partiu para Lisboa a modista de chapéus Maria do Céu Mendes Silva, que foi escolher um lindo e variado sortido de ***chapéus modelos*** *e bem assim outros artigos para a sua confecção, podendo as suas Ex.mas Clientes ter ocasião de ver um lindo sortido de chapéus, no dia 3 de Maio próximo, na exposição que vai fazer na casa Rebelo, à Praça de D. Afonso Henriques, cuja visita desde já agradece.*

FERNANDO AYRES
ADVOGADO
Escritório junto á Conservatória

Fábrica de Guarda-sois e Chapeus
DE
FARIA & FERNANDES, L.da
51, Largo Prior do Crato, 54-GUIMARÃES
49, Praça D. Afonso Henriques, 50 (Filial)
Telefone n.º 89
Agentes oficiais dos pneus FIRESTONE
Representantes do capacho IDEAL

Drogaria do Toural
DE
João Garcia d'Almeida Guimarães
Praça D. Afonso Henriques
GUIMARÃES
TINTAS, VERNIZES E VIDROS
Telefone, 68

Sapataria Elegante
DE
Artur d'Oliveira Sequeira
Largo Prior do Crato
GUIMARÃES
Especialidade em calçado fino e concertos

CASA DE SANTA TERESINHA
RUA DA REPÚBLICA, 122
GUIMARÃES
Papelaria e Livraria
Artigos Religiosos e Objectos de escritório

FÁBRICA DE PENTES DO RIBEIRINHO
FORNECEDORA DOS PRINCIPAIS ARMAZENS EXPORTADORES
TELEFONE N.º 128
GUIMARÃES — Portugal

CASA DAS GRAVATAS
DIAS & CARVALHO, L.DA
CHAPELARIA, CAMISARIA E GRAVATARIA.
43 — Rua da República — 47
TELEFONE N.º 188
GUIMARÃES

CARLOS DE LEMOS
(MARCA 54)
FABRICA DE CUTELARIAS
MIRADOURO — GUIMARÃES
Cutelarias em aço fino das melhores procedências

PADARIA ALMEIDA
DE
José Mendes Guimarães
Rua Elias Garcia, 63
GUIMARÃES
Cereais e Farinhas

PHILIPS RADIO
OS MELHORES RECEPTORES
Representantes:
BERNARDINO JORDÃO, FILHOS & C.A
GUIMARÃES
TELEFONE 22

Grande Armazem de Exportação
DE
Augusto Mendes
Rua de Gil Vicente
GUIMARÃES
Calçado, Cutelarias e Pentes

DROGARIA MODERNA
DE
Fernandes Guimarães & Irmão, Suc.
Rua da República
GUIMARÃES Telefone, 146
Tintas. Louças e Vidros. Vernizes.

Pasta dentifrica CORALIA
Sendo quimicamente neutra é a úuica que dá aos dentes a côr natural do marfim.
Telefone, 73
Vende-se em tôdas as farmácias e perfumarias.

CASA HIGH-LIFE, Filial
de Benjamim de Matos & C.a, L.da
Toural — GUIMARÃES
Telefone, 64
O seu intento é, com os preços e qualidades de todos os artigos que vendem, convencer o público de que se esforçam o máximo para lhe fornecer artigos bons e garantidos por preços razoáveis.
SECÇÃO DE MODAS.

Antiga Casa Patrício
DE
José Fernandes Martins
Praça D. Afonso Henriques
GUIMARÃES
Pão de Ló de Margaride (de Leonor Rosa da Silva).
Especialidade em artigos de mercearia fina.

A. J. Ferreira da Cunha
Praça D. Afonso Henriques
GUIMARÃES
Sortido completo em ferragens finas e para usos industriais.

Papelaria Central
Telefone, 149
Praça D. Afonso Henriques
GUIMARÃES
Artigos fotográficos.
Única casa da especialidade.

Armazem de Mercearia
por junto e a retalho
DE
Francisco Lopes Martins
Rua de Gil Vicente--GUIMARÃES
Depósito de telha Marselha e tubos de grés. Telefone, 101

GRANDE HOTEL DO TOURAL
TELEFONE N.º 74
O maior, o mais central e o mais bem frequentado e confortável. Serviço de mesa primoroso para dieticos e não dieticos.

PENSÃO DE GUIMARÃES
DE JOAQUIM DA SILVA
19, Travessa de Camões, 21 — GUIMARÃES
Almoços a 8$00. Jantares a 10$00. Diárias de 14$00 a 25$00. Quartos excelentes e cozinha á portuguesa. Iluminação eléctrica.

João do Couto Salgado
CHAMADAS — Telefone, 222
Mudou o seu escritório de solicitador para a Rua 31 de Janeiro, 111
GUIMARÃES

UNIÃO INDUSTRIAL
JORDÃO & CASTRO, L.DA
FÁBRICA MANUAL DE CALÇADO
Venda a retalho de calçado em tôdas as qualidades e por preços sem concorrência. Fazem-se concertos.
TELEFONE N.º 19
GUIMARÃES

Leite & Figueiredo
Materiais para construções
Cal, tintas, vernizes, tubos de grés e telha de Marselha.
Largo da Condessa do Juncal — GUIMARÃES

CARREIRAS DE CAMIONETE ENTRE GUIMARÃES E PORTO
João Ferreira das Neves
Escritório:
Casa Alméria Ferra
Toural — Guimarães

António Ferra, Filho
Largo D. Afonso Henriques
GUIMARÃES
Completo sortido em ferragens finas e artigos de menage.
Escritório de Camionetes para o Pôrto

JOSÉ MENDES GUIMARÃES
R. de Gil Vicente, 71 — GUIMARÃES
Depósito da excelente palha trilhada em fardos, bancas de lousa para barreleiros, oleados e carvão de coke para cosinha.

Braga & Carvalho, Limitada
Praça de D. Af. Henriques — Guimarães
TELEFONE, 78
ARMAZEM DE MERCEARIA FINA e Escritório das Camionetes para Braga e Pôrto.

CASA IDEAL
DE Joaquim Leite Monteiro
Rua 31 de Janeiro n.os 28 e 30
Telefone n.º 181
Encarrega-se de concertos em tôdas as Máquinas de escrever (qualquer marca). Serviços garantidos. — Preços módicos. Agente das Máquinas Smith e Corôna.

L. D'OLIVEIRA & C.a
Rua da República
(Junto ao Banco do Minho)
GUIMARÃES
Completo sortido em tabacos nacionais e estrangeiros.
LIVRARIA E PAPELARIA.
VALORES SELADOS.

ANTÓNIO DA ROCHA BRAGA
(Mestre de obras)
Encarrega-se da construção de qualquer obra de pedreiro, garantindo a sua boa execução.
Avenida número 2
GUIMARÃES

MANUEL MACHADO
Miradouro — Guimarães
Marca 53 (Registada)
Fabrico de cutelarias. O melhor no género. Acabamento garantido.

Joaquim Ribeiro Moura
(Marca 35)
Pisca — GUIMARÃES
Telefone n.º 167
Fábrica de Cutelarias e Tecidos
Premiada nas várias exposições a que tem concorrido.
A título de experiência, aconselha-se uma visita a esta acreditada casa.

FOTO-BELEZA
DE MANUEL ALVES MACHADO
Rua 31 de Janeiro, 97 — GUIMARÃES
GALERIA DE ARTE Telefone n.º 216
Executa com a máxima perfeição ampliações em todos os tamanhos.
Acabamentos em trabalhos de amadores e todos os serviços concernentes a esta arte.

Marca da Fábrica
SILVA MARCA 5 GUIMARÃES
Registada
Endereço telegráfico: SILVA 5-Guimarães

FÁBRICA DE CUTELARIAS: SILVA MARCA-5
A MELHOR DE PORTUGAL
Fundada em 1882
Premiada em tôdas as exposições a que tem concorrido
José Francisco da Silva, Filho & Genro
MIRADOURO — GUIMARÃES